

## VIVÊNCIAS NO PIBID: AS DIFERENTES EXPERIÊNCIAS NO ACOMPANHAMENTO DE TURMAS DO ENSINO MÉDIO E DA EJA

Mariele Santos da Paixão<sup>1</sup>  
Laíse Milena Ribeiro dos Santos<sup>2</sup>  
Patrícia Carla Alves Pena<sup>3</sup>

### RESUMO

O Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva problematizar uma experiência formativa vivenciada por meio do PIBID, desenvolvida a partir da observação em turmas da Educação de jovens e adultos e do ensino médio em uma escola pública do município de Mutuípe-BA. A experiência permitiu observar, acompanhar e atuar nos dois contextos educacionais, possibilitando a reflexão sobre as especificidades e os desafios das distintas modalidades. Como metodologia, além de estudos teóricos, foram realizadas observações em sala de aula, análise das práticas pedagógicas colaborativas junto à supervisora e dos diálogos com os sujeitos envolvidos. As comparações entre a vivência na EJA e no ensino médio revelam diferenças significativas quanto ao perfil dos estudantes, ao nível de participação nas atividades e ao tempo de aprendizagem. Sendo que a EJA se mostrou desafiadora no que se refere à permanência dos estudantes em sala de aula, mas enriquecedora no contexto cultural, no universo das histórias de vida e no engajamento dos estudantes participantes. Já no ensino médio, destaca-se a maior facilidade no uso de metodologias ativas. Entre os principais desafios enfrentados, estão a produção e disponibilidade de recursos didáticos, a evasão escolar na EJA e adaptação das propostas pedagógicas à realidades tão distintas. A experiência contribuiu de forma significativa para construção de uma prática docente mais sensível, crítica e reflexível, principalmente ao evidenciar a importância da escuta ativa, da valorização da trajetória dos estudantes e da adequação das metodologias ao contexto. O relato enfatiza a importância de experiências formativas variadas na formação de professores engajados e comprometidos com o sucesso educacional.

**Palavras chaves:** Educação de jovens e adultos, Ensino médio, PIBID, Prática Pedagógica.

### INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) integra a política nacional de formação de professores e possibilita a vivência e a compreensão do cotidiano

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano – Campus Santa Inês, [marielypaixao09@gmail.com](mailto:marielypaixao09@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora Supervisora do PIBID no Colégio Estadual em Tempo Integral Antônio Felipe Evangelista Neto (CEAFEN), Mestra em Solos e Qualidade de Ecossistemas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), [milenauneb@live.com](mailto:milenauneb@live.com);

<sup>3</sup> Coordenadora de área do PIBID. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano – Campus Santa Inês Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia UNEB [patriciafirmina@gmail.com](mailto:patriciafirmina@gmail.com)





escolar que potencialmente será o campo de atuação profissional. Durante a formação, o programa tem como finalidade proporcionar a aquisição e o aprofundamento de conhecimentos, além de permitir que as/os bolsistas coloquem em prática os saberes construídos, contribuindo para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

A participação no programa revela-se de extrema importância para a aprendizagem e evolução na trajetória da iniciação à docência, ao mesmo tempo em que enriquece o currículo acadêmico do/da licenciando/a. Assim sendo, neste artigo de experiência é relatado o que foi vivenciado em turmas da educação de jovens e adultos (EJA) e do ensino médio, durante a atuação no Programa Institucional de Bolsas a Iniciação Docência (PIBID), ao acompanhar a professora supervisora nas aulas das disciplinas de Geografia e Sociologia em uma escola pública do município de Mutuípe/BA.

Vale destacar que a importância dessas experiências reside na possibilidade de compreender, na prática, como se estruturam duas modalidades de ensino com perfis e dinâmicas escolares distintas e revelando os desafios e as potencialidades de cada uma. A convivência entre realidades distintas possibilitou reflexões significativas sobre a prática docente, a importância da escuta sensível e a adaptação das estratégias pedagógicas à necessidade de cada público.

Assim, esse trabalho tem por objetivo problematizar a vivência formativa em turmas da educação de jovens e adultos (EJA) e do ensino médio durante a atuação no PIBID, destacando os desafios enfrentados, as estratégias utilizadas e os aprendizados construídos a partir da análise entre os dois contextos.

Os resultados apontam para a complexidade do cotidiano escolar e a importância de uma formação inicial que contemple a diversidade dos sujeitos e dos contextos educacionais. As reflexões aqui apresentadas dialogam com os/as autores/as da área da educação e como as Diretrizes Operacionais Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos – EJA (Resolução CNE/CEB N 3/2025), possibilitando uma análise crítica e construtiva da experiência.

## **METODOLOGIA**

O Colégio campo fica localizado na área urbana do município de Mutuípe, este, situado no Território de Identidade Vale do Jiquiriçá<sup>2</sup> – Bahia, iniciando suas atividades no





ano de 2000, atualmente é uma escola voltada para o Ensino Médio, com várias modalidades de ensino,

dentre elas o Novo Ensino Médio em tempo parcial e em Tempo Integral, além do noturno com a Educação de Jovens e Adultos (EJA), Tempo Juvenil e o PROEJA, este último, com formação voltada para Administração. Em relação ao contexto do público estudantil, atende em sua maioria estudantes oriundos do campo, abrangendo diversas comunidades e municípios vizinhos.

A metodologia adotada foi de caráter qualitativo e descritivo, fundamentada na observação participante e na construção de registros reflexivos durante o acompanhamento das aulas. As ações foram desenvolvidas em parceria com a supervisora e com a coordenação de área do PIBID. As intervenções incluíram acompanhamento das atividades pedagógicas desde os planejamentos até o desenvolvimento e aplicação das atividades em sala.

Realizou-se entrevistas semiestruturadas com os/as estudantes participantes, tendo como foco a participação na Feira de Ciências. As questões buscaram compreender sobre os estudos desenvolvidos, em especial no eixo Sustentabilidade e transformação Territorial: (re)conhecimento de ações. Foi escolhida a entrevista semiestruturada por ser um instrumento metodológico que possibilita maior flexibilidade nas respostas, permitindo que os/as estudantes expressem de forma livre suas percepções, reflexões e experiências.

Os dados e registros foram analisados a partir da observação direta do domínio do conteúdo pelos/as estudantes, estratégias e metodologias pedagógicas utilizadas, participação dos/as estudantes, identificação dos desafios enfrentados e potencialidades.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A prática docente constitui um espaço essencial de construção de saberes, no qual o/a professor/a articula teoria e prática em busca de estratégias que respondam às necessidades reais dos/as estudantes. Para Pimenta (1999), a prática pedagógica deve ser entendida como um processo reflexivo e transformador, que possibilita ao docente aprender com sua própria ação. Nesse sentido, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) assume relevância por promover a aproximação entre licenciandos/as e o ambiente escolar, permitindo uma vivência formativa desde o início da graduação. De acordo com Gatti et al. (2014), o PIBID contribui para a compreensão das demandas da escola e fortalece a





identidade docente, enquanto Lima e Ghedin (2012) destacam que a inserção do licenciando na prática amplia a capacidade de reflexão e inovação pedagógica.

Em relação as etapas e modalidades acompanhadas, o Ensino Médio é definido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) como a etapa final da educação básica, destinada a adolescentes e jovens, em sua maioria na faixa etária entre 15 e 18 anos. Nessa fase, conforme Dayrell (2007), os/as estudantes encontram-se em processo de construção de identidade e de projetos de vida, convivendo intensamente com transformações sociais, culturais e tecnológicas. Charlot (2000) acrescenta que a relação dos jovens com o saber é atravessada por suas condições sociais, o que influencia sua participação e seu engajamento escolar.

Já a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é organizada de modo a atender sujeitos que não concluíram a escolarização na idade apropriada, garantindo o direito ao acesso, permanência e êxito no sistema educacional. Segundo Arroyo (2005), a EJA está profundamente marcada por trajetórias de exclusão social, mas também por processos de resistência e luta pela afirmação de direitos. Para Freire (1996), a prática pedagógica nesse contexto deve valorizar as experiências de vida dos/as estudantes, respeitando seus saberes e construindo um processo educativo baseado no diálogo e na emancipação.

A trajetória da EJA na Bahia revela um processo contínuo de luta, construção coletiva e afirmação de direitos, especialmente em contextos marcados por exclusão social, desigualdade educacional e diversidade cultural. A política de EJA da rede estadual da Bahia (BAHIA, 2009), compreende essa modalidade como um direito humano fundamental, superando a concepção limitada de ensino supletivo ou compensatório.

Tal política orientadora propõe uma pedagogia crítica e emancipadora, fundamentada no legado de Paulo Freire, que defende a valorização das experiências de vida dos sujeitos da EJA. Segundo o autor, "a educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo" (FREIRE, 1996, p. 67). Assim, é essencial reconhecer os/as estudantes da EJA como sujeitos de direito, possuidores de saberes significativos, que devem ser integrados ao processo de ensino-aprendizagem.

Miguel Arroyo, outro importante pensador da educação, também defende a necessidade de se construir uma escola que acolha os sujeitos em sua pluralidade e respeite suas trajetórias. Para o autor, é preciso "reconhecer as marcas da exclusão para construir





práticas de inclusão reais e efetivas" (ARROYO, 2006). Sua abordagem inspira práticas pedagógicas voltadas ao respeito, ao diálogo e ao empoderamento dos educandos.

Com a publicação do Organizador Curricular da EJA (OCEJA) em 2022, a proposta curricular avançou ao estruturar os conteúdos a partir de tempos formativos (I e II), tempos juvenis e tempos de aprender, respeitando o tempo humano dos estudantes e suas especificidades. A divisão por Eixos Temáticos e Temas Geradores amplia a articulação entre os conteúdos escolares e o cotidiano dos educandos, promovendo uma aprendizagem significativa, contextualizada e socialmente comprometida.

Um aspecto importante ressaltado pelo OCEJA foi a possibilidade de oferecer aos/as educandos/as uma formação flexível, respeitando as diferentes trajetórias escolares e as condições de vida dos/das estudantes. O acolhimento e a valorização das experiências pessoais e profissionais dos sujeitos da EJA constituíram-se como elementos fundamentais, permitindo que o processo educativo dialogasse diretamente com a realidade social dos/das participantes e fortalecesse sua permanência e engajamento no percurso formativo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

No âmbito da Educação de Jovens e Adultos, são considerados sujeitos da EJA: jovens, adultos e idosos - pessoas que lutam pela sobrevivência nas cidades ou nos campos. Segundo informações da política da EJA (BAHIA, 2009), os sujeitos em sua maioria são negros e, em especial, mulheres negras. Em geral, moradores/moradoras de localidades populares; operários e operárias assalariados(as) da construção civil, condomínios, empresas de transporte e de segurança. Além de trabalhadores e trabalhadoras de atividades informais, vinculadas ao comércio e ao setor doméstico.

Nas turmas acompanhadas na escola campo, o perfil dos estudantes é marcado por trajetórias de vida diversas, desde pessoas jovens, adultas a idosos, tem pais e mães de família, trabalhadores/as, muitas vezes marcados por interrupções escolares anteriores, fatores que influenciam diretamente na participação e no ritmo de aprendizagem. Já as turmas do ensino médio, são marcadas pelo público de adolescentes e jovens na faixa etária entre 15 a 18 anos, apresentando características como a busca por autonomia, o convívio intenso com os colegas e a construção da identidade pessoal e profissional.





Nas turmas do matutino, público em sua maioria oriundo do campo, observou-se em geral, que os estudantes têm maior dedicação a rotina escolar, enquanto no vespertino, cuja maioria dos discentes reside na área urbana, muitos conciliam os estudos com o trabalho em meio turno, o que impacta em sua rotina, na atenção às aulas e ao estudo, no tempo disponível para as atividades e nas condições de aprendizagem.

No período de Junho de 2023 a março de 2024, a atuação foi junto à turmas do ensino médio parcial e integral na referida instituição. Durante esse período, as atividades acompanhadas permitiram vivenciar, de forma mais aprofundada, diferentes realidades escolares e consolidar práticas pedagógicas adaptadas a cada contexto, favorecendo reflexões importantes para a minha formação docente.

A partir de maio de 2025, o acompanhamento passou a ser realizado junto às turmas da EJA. O que foi percebido até então, foi que o verdadeiro potencial dessa modalidade vai muito além da certificação formal. Trata-se de um espaço de diálogo, escuta ativa, valorização dos saberes prévios e de construção de práticas pedagógicas que respeitem à diversidade.

Durante o período de acompanhamento em turmas do ensino médio diurno, foi possível vivenciar experiências significativas que contribuíram para o aprimoramento da minha formação docente e para a compreensão das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar. A atuação permitiu observar e participar de atividades diversificadas, que buscavam promover a aprendizagem de forma dinâmica e contextualizada, relacionando os conteúdos das disciplinas, de modo interdisciplinar, com o cotidiano dos/das estudantes.

Uma das vivências mais significativas foi a organização e participação do II EMNLAC (Encontro de Mulheres Negras, Latino-Americanas e Caribenhas). A preparação para o evento envolveu momentos de planejamento coletivo com os demais professores/as da área do conhecimento, seleção de materiais e elaboração de atividades com os/as estudantes, como a leitura e reflexão do texto "Mulher Negra: um retrato", de Lélia Gonzalez, e a exibição do curta "Vida Maria". Essa experiência provocou uma reflexão profunda sobre o papel da escola na valorização da cultura afro-brasileira e no combate ao racismo estrutural, além de possibilitar o desenvolvimento de habilidades de mediação e diálogo em sala.





**Figura 1** - Culminância do EMNLAC, foto com a turma do 3º A Integral

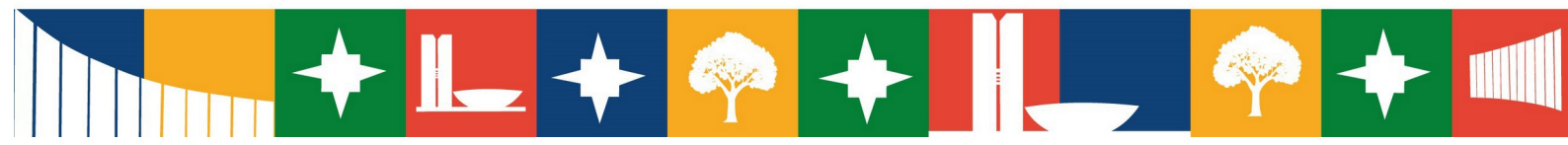
X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Outro momento marcante foi o acompanhamento da construção de modelos de perfil de solo na aula de Geografia do 1º ano, em que os/as discentes puderam representar os horizontes e características de diferentes tipos de solos; houve apresentações de seminários sobre perfil de solos, onde cada grupo apresentou um tipo de solo (Argilosos, Latossolos, Organossolos, Vertissolos, Espodossolos, Gleissolos e Planossolos) e suas principais características, relacionando com o uso e ocupação deste. A participação dos/as estudantes e a aplicação prática dos conteúdos reforçaram a importância de metodologias ativas e do aprendizado por meio da experimentação.

**Figura 2** - Amostra dos perfis de solos apresentados por cada grupo





**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Essas vivências fortaleceram a compreensão sobre o papel do/da professor/a como mediador do conhecimento, sobre a importância da afetividade na relação com os/as alunos/as e sobre o compromisso social da educação. Aprendeu-se que ser docente é, sobretudo, um ato de escuta, empatia e constante reconstrução.

Dentre as atividades desenvolvidas na EJA e que merece destaque, há que se relatar a “Feira das ciências, sustentabilidade e transformação territorial: do (re) conhecimento a ação”, que tinha como objetivos: reconhecer e valorizar as práticas e iniciativas sustentáveis na comunidade local e desenvolver projetos e pesquisas que contribuíssem para a construção de uma sociedade sustentável. A referida iniciativa proporcionou uma rica experiência de aprendizagem, especialmente no contexto da educação de jovens e adultos (EJA).

Por meio de atividades práticas e contextualizadas, os/as estudantes puderam vivenciar de forma concreta os conteúdos trabalhados em sala, fortalecendo a relação entre a teoria e a prática, além de promover o protagonismo discente e a valorização dos saberes populares.

Na turma acompanhada, os/as estudantes foram divididos/as em equipes para que a partir da temática principal, propusessem pesquisas e exposições de acordo com suas realidades e afinidades. Um dos grupos, com o objetivo de promover o empreendedorismo sustentável, a valorização dos produtos da agricultura familiar e tendo como referência a cultura junina, desenvolveu uma barraca sustentável, na qual expuseram alimentos típicos como bolo de milho, aipim, caldo de aipim, cocada de cacau, bala de jenipapo, bala de abacaxi, bolinha de goma utilizando ingredientes naturais e regionais, permitindo uma reflexão crítica sobre o





consumo consciente, o reaproveitamento de alimentos e a valorização do território e das tradições locais (Figuras 3 e 4).

X Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

**Figuras 3 e 4 – Culminância da Feira das Ciências, Artes e Cultura do CEAFFEN.**



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Durante a atividade, os/as alunos/as também explicaram os impactos positivos da produção local para o meio ambiente e para a economia das comunidades. Um dos estudantes destacou que *"é possível ganhar dinheiro para seu sustento"*.

Outro trabalho da turma acompanhada e que se destacou na Feira foi o stand intitulado "O trabalho de trançistas como valorização da estética negra e autonomia financeira", que abordou a prática e profissão de trançista como expressão cultural e meio de geração de renda. Na oportunidade, discutiu-se temas como identidade, ancestralidade, empoderamento feminino e resistência por meio da estética afro-brasileira. As participantes apresentaram técnicas de tranças, relataram suas experiências e dialogaram com os visitantes sobre a importância da valorização da cultura negra no espaço escolar e na sociedade em geral (Figuras 5 e 6).

Uma das alunas afirmou que *"fazer trança não é só beleza, é história, é respeito com a nossa raiz. E com isso, eu posso ajudar em casa e ainda levantar a autoestima de outras pessoas"*, demonstrando como a escola pode ser um espaço de reconstrução de identidade e valorização dos saberes populares.

**Figuras 5 e 6- Culminância da Feira das Ciências, Artes e Cultura do CEAFFEN**





**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Outro grupo produziu e apresentou uma tela, intitulada “O Lamento da Terra”, com objetivo de mostrar às pessoas a importância de preservar a natureza e refletir sobre as consequências de nossos atos em relação à exploração ambiental. Além da tela, o grupo também apresentou uma paródia da música de Flávio José (Tareco e Macarena) intitulada “Cuide da natureza agora” (Figuras 7 e 8).

**Figuras 7 e 8** – Produção e apresentação da tela: O lamento da Terra.



**Fonte:** Autoria própria, 2025.

Outros dois grupos, realizaram, respectivamente, exposição de um filtro sustentável com os materiais necessários para sua confecção e artesanatos produzidos com materiais recicláveis, fechando as produções da turma acompanhada.

Apesar das dificuldades enfrentadas, como o tempo reduzido para organização e a insegurança inicial de alguns estudantes, a Feira foi marcada pelo engajamento, pela criatividade e pelo fortalecimento dos vínculos entre os/as participantes. Observamos que,





com práticas pedagógicas instigantes e contextualizadas todos/as têm potencial para aprender e ensinar. Essa experiência demonstrou que ações como as desenvolvidas durante a Feira das ciências, contribuem de forma efetiva para o fortalecimento da “Sustentabilidade e transformação territorial: do (re)conhecimento a ação”. Ao mesmo tempo em que reconhecem os/as estudantes como sujeitos históricos, capazes de transformar sua realidade a partir do conhecimento e da valorização de suas raízes culturais.

No geral, tanto o acompanhamento das turmas de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio e da EJA, no âmbito do PIBID, possibilitou vivenciar diferentes realidades escolares e aplicar práticas pedagógicas adequadas a cada contexto, favorecendo reflexões importantes para a formação docente.

Na EJA, em que o cenário apresentava maior diversidade de idade e experiências de vida. Muitos alunos/as conciliavam estudo e trabalho, exigindo flexibilidade no planejamento. Desafios como evasão escolar, cansaço físico e dificuldades de aprendizagem foram enfrentados (mas não superados, ainda) com metodologias contextualizadas, que valorizavam os saberes prévios e o protagonismo dos/as estudantes.

A comparação entre os dois contextos evidenciou diferenças nos tempos próprios de aprendizagem, nos interesses e na participação dos/as estudantes. Enquanto discentes do ensino

médio respondiam de forma mais imediata a propostas de metodologias ativas, na EJA o vínculo afetivo e a relação com a vida cotidiana mostraram-se determinantes para o engajamento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no PIBID, tanto na EJA quanto no ensino médio, possibilitou compreender de perto a riqueza e a complexidade que marcam cada modalidade. No ensino médio, pude perceber como os/as estudantes se envolvem mais facilmente em metodologias ativas, enquanto na EJA a principal força está na troca de experiências, no diálogo e no respeito às trajetórias de vida.

A Feira de Ciências se destacou como um momento de grande aprendizado, pois mostrou que, quando a escola abre espaço para a cultura, a sustentabilidade e os saberes populares, os/as estudantes se tornam verdadeiros protagonistas do processo educativo. As







barracas, apresentações artísticas e projetos revelaram não apenas criatividade, mas também a capacidade crítica e transformadora dos/as educandos/as.

Posso afirmar que cada vivência contribuiu para minha formação docente, fortalecendo a consciência de que ensinar vai além de transmitir conteúdos: é construir junto, valorizar histórias e acreditar no potencial de cada estudante. Concluo, portanto, que iniciativas como essa devem ser cada vez mais incentivadas, pois unem teoria e prática, ciência e cultura, e ajudam a formar cidadãos/ cidadãs mais críticos/as, conscientes e engajados/as para transformar sua realidade.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BAHIA. Secretaria da Educação. Coordenação de Educação de Jovens e Adultos. **Política de EJA da Rede Estadual**. Aprendizagem ao longo da Vida. Salvador: Secretaria da Educação, 2009.

BAHIA. Secretaria da Educação. **Organizador Curricular da Educação de Jovens e Adultos** – OCEJA. Salvador, Ba, 2022.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 40-52, jan./abr. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete A. et al. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2014.

LIMA, Licínio; GHEDIN, Evandro. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

